

# CERÂMICA GUARANI – ANÁLISE DO PROCESSO CONSTRUTIVO NA COLEÇÃO DE ITAPIRANGA, SC<sup>1</sup>

**Ismael da Silva Raupp**

Graduado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS

## **Resumo**

Nesse trabalho foi realizada a análise de uma amostra da coleção cerâmica de Itapiranga, extremo oeste de SC, pertencente à tradição Tupiguarani, sub-tradição Corrugada, buscando identificar o processo construtivo existente na mesma. Com a análise foi possível perceber um padrão na construção da cerâmica, porém não de forma rígida; indicando uma adaptação da cultura material por parte dos grupos ocupantes da região. Partindo de trabalhos como o de Brochado (1977) e Oliveira (2008), podemos pensar a construção dessas vasilhas possuindo um estilo básico para a produção, mas sempre ocorrendo adaptações referentes ao meio ambiente ocupado pelos grupos e as especificidades de suas dietas.

**Palavras-chave:** Cerâmica. Tradição Tupiguarani. Itapiranga.

## **Abstract**

This work analyzes a sample of ceramic collection from Itapiranga, extreme west of SC, which belongs to the Tupiguarani tradition, 'sub-tradition Corrugada', aiming to identify the constructive process existing in it. With this analysis, it was possible to notice a pattern in the construction of ceramics, but not rigidly, indicating an adaptation of material culture by groups that occupied the region. Based on studies such as Brochado's (1977) and Oliveira's (2008), it is possible to consider that the construction of these vessels had a basic style for the production, but that it always occurred adaptations concerning the environment occupied by groups and the specifics of their diets.

**Keywords:** Ceramic. Tupiguarani Tradition. Itapiranga.

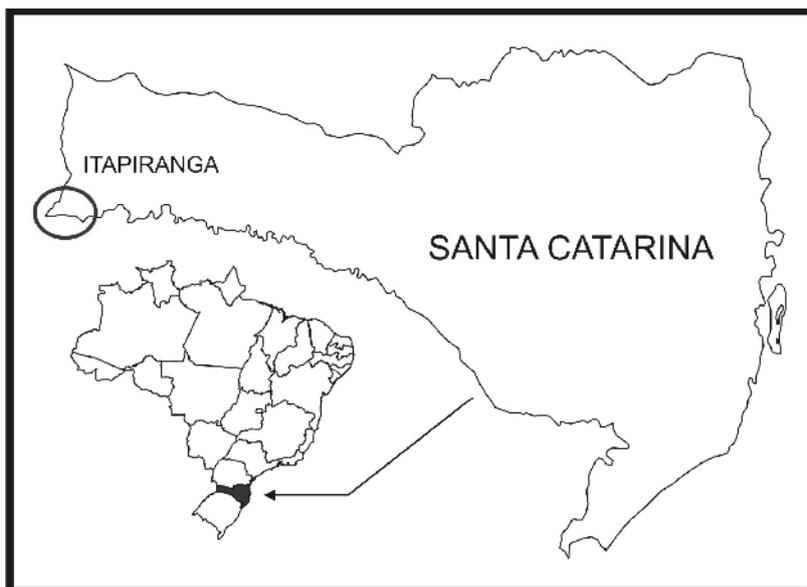
## **1. Introdução**

O município de Itapiranga está localizado no extremo Oeste do Estado de Santa Catarina e foi fundado na década de 1920. Os primeiros trabalhos arqueológicos na região tiveram início na década de 1950, através das pesquisas do Pe. Balduino Rambo.

Figura 1: Mapa com a localização do município de Itapiranga.

---

<sup>1</sup> Esse artigo é uma síntese da monografia apresentada na Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, como requisito parcial para aprovação no curso de História.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Durante as pesquisas do Pe. Balduino Rambo, os estudantes da escola agrícola local foram estimulados a coletarem todos os objetos arqueológicos encontrados pelas famílias durante a ocupação das terras de Porto Velho (Itapiranga), pois na época havia um forte movimento de colonização na área e lugares não explorados foram sendo descobertos.

Os estudantes eram recompensados de forma proporcional ao número de fragmentos que traziam à escola; com isso, o número de objetos recolhidos foi bastante grande, sendo possível juntar uma enorme quantidade de material arqueológico. Através desse trabalho inicial do Pe. Rambo, outras pesquisas foram desenvolvidas na região pelos Padres Pedro Ignácio Schmitz e João Alfredo Rohr nas décadas seguintes.

A primeira delas foi realizada por Schmitz em 1957. Desse estudo resultou o artigo “*Um paradeiro Guarani do Alto - Uruguai*”, onde é analisado o sítio Itapiranga I (classificado com esse nome somente em 1984 por Rohr), localizado na beira do rio Uruguai. As escavações feitas por ele resultaram em uma quantidade grande de material arqueológico e abundantes vestígios alimentares.

Na década de 1960, foi João Alfredo Rohr que excursionou pelo município de Itapiranga à procura de sítios arqueológicos. Seus objetivos se concentraram na margem direita do rio Uruguai (lado catarinense do rio), pois, segundo moradores, a margem esquerda seria menos rica em vestígios arqueológicos.

Nos trinta dias em que esteve trabalhando na região, foram prospectados 53 sítios (52 em Itapiranga e 1 no município de Mondai), onde a grande maioria deles era tipicamente Guarani. Nesses, foram encontrados: cerâmicas corrugadas, unguladas, lisas, pintadas; lâminas de machados roliços, mãos de pilão, batedores roliços, lascas de sílex, etc. (ROHR, 1966).

Segundo Rohr, os sítios apareciam freqüentemente próximos aos rios e córregos e que no interior do município eram quase inexistentes seus indícios. Sua principal característica era a presença

de manchas escuras na superfície, podendo atingir até 25 metros de diâmetro e 50 centímetros de profundidade. Essas manchas estariam “*entremeadas das carapaças de um gastrópode do rio (Ampullaria gigas), cerâmica e outros artefatos*”. (ROHR, 1966: 25).

Inicialmente a expedição era apenas para localizar sítios arqueológicos na região, a ideia de escavar algum deles não era viável devido à distância entre a região e a capital do Estado. Porém, devido à grande quantidade de material encontrado, incluindo urnas funerárias, o projeto inicial precisou ser modificado.

Além da cerâmica associada à tradição Tupiguarani, datada de  $770 \pm 100$  anos AP (BROCHADO, 1969 apud NOELLI, 1999-2000), foram encontrados vestígios da cultura Alto-Paranaense - que na região chega até 8 mil anos (MENGHIN, 1957; RIZZO, 1968 apud ROGGE; CARBONERA, 2011); ali, provavelmente, seria o ponto de abastecimento de matéria prima para a fabricação dos artefatos dessa cultura. (ROHR, 1966).

O material das coletas e das escavações feitas em Itapiranga entre as décadas de 1950 e 1960 resultou em uma enorme coleção arqueológica. São mais de 7.000 fragmentos de cerâmica entre bordas, paredes e bases que hoje estão no Instituto Anchieta de Pesquisas. A grande maioria desse material cerâmico é Guarani, mas também encontramos alguns fragmentos da tradição Taquara/Itararé, além de materiais líticos associados à cultura Alto-Paranaense.

## 2. Material Analisado

Devido ao grande número de material cerâmico na coleção, para a realização desse estudo foram selecionados apenas fragmentos com bordas que fossem de vasilhas de altura igual ou menor do que o diâmetro máximo, ligadas provavelmente às funções de servir e/ou consumir alimentos. Devido a esses aspectos, essas vasilhas são chamadas de **tigelas, pratos** ou **assadores**<sup>2</sup>.

No primeiro momento, os fragmentos foram divididos de forma ampla e geral. Todos os que possuíam as características acima citadas foram separados dos demais, o que resultou em mais de 1.600 fragmentos. Nessa primeira etapa é possível que alguns fragmentos que possuíam as características escolhidas para compor a amostra tenham sido deixados passar, assim como outros que não as tinham foram identificados ao longo da análise. Porém, tal fato não acarretou grandes problemas, pois a proposta da pesquisa não foi trabalhar com a totalidade da cerâmica, mas sim apenas com uma parte.

A segunda etapa do processo foi separar a cerâmica de acordo com sua face externa da seguinte forma: decorações plásticas corrugado, espatulado, escovado, unglado; acabamento de superfície liso com ou sem engôbo ou pintura. Depois foram divididos dentro de cada tipo a partir do

---

<sup>2</sup> Na língua indígena, possivelmente Cambuchí caguaba, Tembirú e Ñaetà. (La Salvia & Brochado, 1989)

ângulo de abertura. Assim, os fragmentos em o ângulo não foi possível identificar, foram deixados de fora da amostra.

Nessa etapa foi possível identificar algumas características da cerâmica. A grande maioria dos fragmentos possuía superfície externa lisa, sendo mais de 1.100 peças com esse acabamento. Desses, uma parte apresentava algum tipo de tratamento (pintura ou engôbo) na face externa. Geralmente as colorações eram nos tons de vermelho, branco e em bem menor número preto. Alguns fragmentos apresentavam pinturas com motivos decorativos que podiam reunir até os três tons de coloração.

O segundo grupo com maior número de fragmentos foi o de decoração plástica corrugada, com cerca de 200 unidades. A face interna geralmente se apresenta lisa sem pintura, mas uma pequena quantidade da cerâmica reunia o corrugado externo e pinturas na face interna.

Segundo em quantidade de fragmentos estavam as decorações plásticas: espatulado imbricado (80), ungulado (19) e escovado (5), respectivamente, com menor frequência.

A decoração espatulado imbricado foi descrita por Schmitz como [...] *saliências lineares horizontais em que o resultado das pressões individuais se encontra separado por pequenos sulcos, lembrando uma cobertura com telha francesa.* (SCHMITZ, 2010: 10).

O autor chama esse tipo de tratamento de superfície como *Corrugado Simples Ungulado* ou *Corrugado Telhado*. Foi decidido utilizar a nomenclatura dada por La Salvia e Brochado (1989) por se tratar de um manual para identificação da cerâmica Guarani, e provavelmente comum a um número maior de pessoas<sup>3</sup>.

Diante do grande número de material, foi decidido trabalhar com uma amostra de aproximadamente 10% dos fragmentos. Essa porcentagem mostrou-se suficiente para a proposta do trabalho.

### 3. A Análise

Após o processo de separação inicial do material cerâmico, foi selecionada a amostra para a análise. De forma aleatória, foram separados dos diferentes tratamentos de superfície cerca de 10% dos fragmentos. As unidades com decorações ungulado e escovado foram deixados fora da amostra devido à pequena quantidade de cerâmica.

Assim, a amostra analisada totalizou 150 fragmentos, distribuídos da seguinte forma:

- 122 fragmentos com superfície externa lisa (com ou sem pintura);
- 20 fragmentos com decoração corrugada;

---

<sup>3</sup> Segundo La Salvia e Brochado, o espatulado "tem como expressão decorativa a cavidade – é a resultante da ação de uma espátula, agindo por pressão ou arraste, sobre a superfície cerâmica com a deposição de argila no seu entorno e apresentando lados angulares e fundo plano." (p. 36). E o imbricado é quando "a ação da espátula produz um embricamento no sentido longitudinal deixando sua marca característica no sentido transversal." (p. 70)

- 8 fragmentos com decoração espatulado imbricado.

Baseado nas propostas para análise cerâmica de Chmyz (1966; 1976), Meggers e Evans (1970), iniciou-se o trabalho de análise montando um conjunto de características que deveriam ser observadas em cada fragmento da amostra. São elas o ângulo de abertura, o contorno da parede, a borda, o lábio, a abertura da boca, a espessura do fragmento, e face externa e interna. Sendo:

- Ângulo de abertura: refere-se ao grau de abertura que a vasilha tem, podendo mostrar-se mais ou menos aberta com relação ao 'corpo' da peça. Para sua identificação foi utilizada uma folha com os ângulos de 0 a 180° marcados, onde o fragmento era posicionado a partir da linha central.

- Contorno da parede: refere-se à forma como a parede da vasilha se apresenta. Podendo ser *simples*, *composto*, *infletido* ou *complexo*. Na amostra analisada foram encontrados fragmentos com os três primeiros tipos de contorno.

- Borda: é a parte terminal da parede da vasilha cerâmica, junto à boca. A classificação da borda foi feita segundo Chmyz (1976).

- Lábio: refere-se à extremidade da borda. A classificação do lábio foi feita segundo Chmyz (1976). Na amostra analisada foram encontrados lábios dos tipos Arredondado/Redondo, Apontado e Plano.

- Abertura da boca: foi utilizado um ábaco de círculos concêntricos, onde o fragmento é posicionado no círculo onde melhor se adequar de acordo com sua curvatura. Assim, é possível identificar o diâmetro aproximado da vasilha.

- Espessura do fragmento: foi utilizado um paquímetro, posicionado um pouco abaixo da linha do lábio do fragmento.

- Face externa e interna: para classificação da decoração plástica foi utilizado La Salvia e Brochado (1989). Como superfícies pintadas, foram consideradas pinturas e/ou engôbo e sua coloração definida de acordo com a visibilidade.

### 3.1 Fragmentos com acabamento externo Liso

Dos 122 fragmentos com acabamento externo Liso, constataram-se os seguintes dados:

- Ângulo de abertura: o que teve maior número de fragmentos é o 67-90° com 47 (38,52%), seguido do 90-113° com 35 (28,70%), do 45-67° com 24 (19,67%), do 113-135° com 10 (8,19%) e o 23-45° com 6 (4,91%) fragmentos.

- Contorno da parede: com maior número de fragmentos apareceu o contorno Simples com 83 (68,03%), em seguida o Composto com 34 (27,86%) e o Infletido com 5 (4,09%) fragmentos.

- Borda: a borda Direta possuía 67 (54,91%) dos fragmentos, seguida da Cambada com 17 (13,93%), da Contraída com 16 (13,11%), da borda com Reforço Externo e Interno juntos e a Extrovertida com 6 (4,91%) cada, e Reforço Externo ou Interno, ambos com 5 (4,09%) fragmentos cada.

- Lábio: a maior parte possuía o lábio Arredondado, contabilizando 70 (57,37%) dos fragmentos, seguido do lábio Plano com 46 (37,70%), e do Apontado com 6 (4,92%).

- Abertura da boca: maior quantidade apresentava abertura da boca de 21 a 30 cm com 45 (36,88%) dos fragmentos, depois de 11 a 20 cm com 28 (22,95%), seguido de 31 a 40 cm com 12 (9,83%), e de 41 cm ou mais com 5 (4,09%), e iguais ou menores que 10 cm com 2 (1,64%). Os que não foram passíveis de medição da abertura da boca somaram 30 (24,59%) dos fragmentos.

- Espessura do fragmento: dos fragmentos da amostra, 72 (59,01%) tinham a espessura de 5,1 a 8 mm, 32 (26,22%) possuíam de 8,1 a 10 mm, 14 (11,47%) tinham de 1 a 5 mm, e 4 (3,27%) espessura maior que 10,1 mm.

- Acabamento externo: com maior número de fragmentos aparecia o acabamento externo Liso sem pintura com 65 (53,27%), seguido do Liso com Pintura Vermelha com 29 (23,77%), o Liso com Pintura Branca com 7 (5,73%), o Liso com Pintura Decorada e o Liso com Pintura Preta, ambos com 4 (3,27%) cada, e o Polido com 3 (2,46%). Os outros fragmentos possuíam 2 ou mais cores combinadas.

- Acabamento Interno: o Liso com Pintura Vermelha aparecia em 48 (39,34%) dos fragmentos, seguido do Liso sem Pintura com 26 (21,31%), do Liso com Pintura Branca com 23 (18,85%), do Liso com Pintura Preta com 6 (4,91%) e do Polido com 3 (2,46%). Os outros fragmentos possuíam 2 ou mais cores combinadas.

### 3.2 Fragmentos com acabamento externo Corrugado

Dos 20 fragmentos com acabamento externo Corrugado, constataram-se os seguintes dados:

- Ângulo de abertura: o que tinha maior número de fragmentos é o 67-90° com 8 (40%), seguido do 45-67° com 6 (30%), do 23-45° com 4 (20%), do 90-113° e 113-135° com 1 (5%) fragmento cada.

- Contorno da parede: com maior número de fragmentos apareceu o contorno Simples com 17 (85%) e o Composto com 3 (15%). O Infletido não apareceu em nenhum dos fragmentos.

- Borda: a borda Direta possuía 12 (60%) dos fragmentos, seguida da Cambada, Reforço Externo, Reforço Interno e Extrovertida, com 2 (10%) fragmentos cada.

- Lábio: a maior parte possuía o lábio Arredondado, contabilizando 13 (65%) dos fragmentos, seguido do lábio Plano com 7 (35%). O Apontado não apareceu em nenhum dos fragmentos.

- Abertura da boca: maior quantidade apresentava abertura da boca de 31 a 40 cm com 8 (40%) dos fragmentos, depois os maiores de 41 cm com 5 (25%), seguido dos de 21 a 30 cm com 4 (20%), do de 11 a 20 cm com 1 (5%). Os que não foram passíveis de medição da abertura da boca somaram 2 (10%) dos fragmentos.

- Espessura do fragmento: dos fragmentos da amostra, 11 (55%) tinham a espessura de 8,1 a 10 mm, 6 (30%) possuíam mais de 10,1 mm e 3 (15%) tinham de 5,1 a 8 mm.

- Acabamento externo: todos os fragmentos da amostra possuíam acabamento externo Corrugado.

- Acabamento Interno: quase todos os fragmentos tinham a parte interna apenas lisa sem pintura, com exceção de 1 (5%) que possuía Pintura/engôbo vermelho.

### 3.3 Fragmentos com acabamento externo Espatulado Imbricado

Dos 8 fragmentos com acabamento externo Espatulado Imbricado, constataram-se os seguintes dados:

- Ângulo de abertura: o que tinha maior número de fragmentos é o 67-90° com 3 (37,5%), seguido do 45-67° e do 90-113° com 2 (25%) cada, e o 23-45° com 1 (12,5%) fragmento.

- Contorno da parede: com maior número de fragmentos apareceu o contorno Simples com 6 (75%), em seguida o Composto com 2 (25%). O Infletido não apareceu em nenhum dos fragmentos.

- Borda: a borda Direta possuía 4 (50%) dos fragmentos, seguida da Cambada e Contraída, ambas com 2 (25%) fragmentos.

- Lábio: a maior parte possuía o lábio Plano, contabilizando 5 (62,5%) dos fragmentos, seguido do lábio Arredondado com 3 (37,5%).

- Abertura da boca: as aberturas da boca de 21 a 30 cm e 31 a 40 cm, possuíam 2 (25%) fragmentos cada, seguido de 1 (12,5%) fragmento com abertura superior a 41 cm. Os que não foram passíveis de medição da abertura da boca somaram 3 (37,5%) dos fragmentos.

- Espessura do fragmento: dos fragmentos da amostra 4 (50%) tinham de 5,1 a 8 mm, 3 (37,5%) tinham a espessura de 8,1 a 10 mm e 1 (12,5%) tinham maior que 10,1 mm.

- Acabamento externo: todos os fragmentos analisados na amostra possuíam acabamento externo Espatulado Imbricado.

- Acabamento Interno: todos os fragmentos analisados na amostra possuíam acabamento interno Liso e não apresentavam nenhum tipo de pintura.

#### **4. Considerações sobre os dados**

Observando os dados obtidos a partir da quantificação e porcentagem dos fragmentos, foi possível inferir algumas considerações gerais quanto aos aspectos construtivos da cerâmica. Na amostra, cerca de 70% dos fragmentos pertenciam a vasilhas com ângulo de abertura abaixo dos 90°, ou seja, vasilhas com formatos mais abertos. Essa é a característica básica para a identificação de vasilhas dos tipos *tigela*, *prato* ou *assador*. Ao apresentarem-se com o ângulo mais aberto, esses fragmentos fortalecem a idéia do uso de vasilhas com a função de servir e/ou consumir alguns tipos de alimentos ou bebidas, sendo que o armazenamento de comidas e bebidas necessitaria de grandes vasilhas de pescoço mais estreitado, e que em alguns casos podiam atingir 1 metro de bojo e altura. (SCHMITZ, 2006).

O contorno simples e a borda de forma direta juntos apareceram em aproximadamente 55% dos fragmentos, mostrando também o uso mais comum dessas vasilhas para consumo de alimentos, sendo que contornos e bordas mais elaborados tornariam o uso da cerâmica como ‘prato’ uma tarefa mais complicada. Reforços internos e/ou externos apareceram em menos de 10% da amostra e, geralmente, são aplicados nas bordas em pontos mais vulneráveis a quebra, mas podem ser considerados também, em alguns casos, como ‘adornos’ à decoração da vasilha, pois acentuam os pontos de inflexão da parede e podem marcar pontos de separação de diferentes tipos de tratamento

de superfície. Além dessas duas funções, o reforço não mostrou outra utilidade aparente. As combinações com outros tipos de contorno (composto e/ou infletido) e forma de borda (contraída, cambada e/ou extrovertida) representaram 35% da amostra.

O lábio redondo apareceu em 58% dos fragmentos e deve-se ao próprio método de manufatura da cerâmica, que é o acordelado. Com a sobreposição dos roletes, desde a base até a borda da cerâmica, é muito provável que o uso da forma do rolete (cilíndrica) se mantenha e determine o modelo do lábio. Assim o lábio redondo seria o mais comum nas vasilhas. Já o lábio plano, que representou quase 40% da amostra, pode estar associado a irregularidades no rolete que formaria o lábio, inexperiência ou mesmo uma preferência de quem está fabricando a peça. A artesã passaria um seixo ou outra superfície plana, causando um acabamento de forma aplanada na borda. Além de uma função estética, o lábio plano não parece apresentar mudanças qualitativas na cerâmica.

Os dados sobre a abertura da boca mostrou que 68% dos fragmentos que tiveram seu diâmetro identificado (118 unidades) eram de vasilhas de tamanho médio, variando entre 11 e 30 cm. A partir desse dado é possível pensar que essas vasilhas eram produzidas para servir e consumir alimentos e foram utilizadas por grupos de tamanho médio e/ou para momentos em que se reunissem essa quantidade de pessoas. Sendo que

O tamanho e as proporções das vasilhas inferem relações muito importantes visto que ‘a possibilidade de utilização de uma vasilha está na relação direta entre sua abertura e profundidade’, essa relação compõe formas e reflete contextos sociais, dado a circunstancia em que foram utilizadas. (CEREZER, 201: 35)

A espessura da parede se mostrou bastante regular, mantendo-se entre 5 e 10 mm em cerca de 80% da amostra. Poucos fragmentos superaram os 10 mm de espessura. Segundo La Salvia e Brochado (1989), a espessura da parede parece estar relacionado ao tamanho e utilização da vasilha. Porém, outros elementos como pasta, antiplástico, queima e modo de produção também interferem quanto à fixação da parede, sendo a espessura um elemento de menor significância quanto à resistência da vasilha. A saber, que

A própria forma utilizada pelo grupo [Guarani], circular, é a que mais se adapta ao processo de resistência. Qualquer impacto sofrido pelo recipiente é transmitido em todas as direções e se dilui dentro de sua esfericidade. (LA SALVIA & BROCHADO, 1989: 119)

Com relação ao acabamento externo o tratamento de superfície Liso é o que apareceu na maioria dos fragmentos, tanto na amostra recolhida para análise como na coleção inteira. Na amostra aparece em 81% dos fragmentos. Esse tratamento de superfície é feito após a junção dos roletes (através da pressão dos mesmos entre si e provoca, geralmente, a decoração corrugada) com um seixo ou outro objeto de superfície lisa que é passado sobre a face da vasilha, com a argila ainda úmida.

Esse processo é de certa forma trabalhoso, pois após os roletes estarem unidos, o alisamento só exerce uma função estética.

Na amostra com superfície externa lisa (122 fragmentos), 81% possuía pintura e/ou engôbo. Desses 99 fragmentos com pintura, 49% recebiam pintura externa e interna, 45% pintura somente interna e apenas 6% recebia somente pintura externa. Nos fragmentos com as duas superfícies pintadas (48 fragmentos), cerca de 60% apresentavam a cor vermelha em ambas, e o restante dos fragmentos se dividiam de forma regular entre as outras combinações de cores. Nos 45 fragmentos que apresentavam apenas pintura interna as que mais apareceram foram: somente cor branca com 35%; seguida da vermelha com 30%; e da pintura de motivos decorativos com 25%. Motivos decorativos são, geralmente, feitos “*destacando um lábio, eventualmente um pequeno pescoço e a parte central, onde se percebe um grande e cuidadoso motivo decorativo.*” (OLIVEIRA, 2008: 45). Os fragmentos que misturavam cores, mas não formavam motivos decorativos, foram 6% da amostra.

Na distribuição das pinturas com relação ao ângulo da borda das vasilhas, observou-se que dos 77 fragmentos com ângulo menor que 90°, 83% possuíam pintura interna (sendo a cor vermelha a mais comum, seguida da branca), indicando uma maior preocupação com a face mais visível da vasilha. Já em relação aos fragmentos com ângulo superior a 90°, constatou-se que dos 45 fragmentos, 64% também apresentavam pintura interna. A partir desse dado é possível pensar o uso da pintura não apenas com a finalidade de decoração e de tornar a peça mais agradável aos olhos dos usuários, mas sim com uma função de impermeabilizar a vasilha. Normalmente as vasilhas com ângulos mais fechados recebem apenas uma pintura externa, que é a parte mais visível, pois o ângulo mais fechado torna mais difícil a visualização do interior da cerâmica e sua decoração interna seria uma atividade desnecessária. Pinturas internas ocorrem, geralmente, na cerâmica com ângulo mais aberto e sua presença é relacionada à visualização durante o consumo do alimento ou bebida contida na vasilha.

Outros acabamentos de superfície foram o corrugado e o espatulado imbricado com 14% e 5% da amostra, respectivamente. O corrugado é causado pelo próprio processo de manufatura das vasilhas, o que não deixa claro se o mesmo foi mantido para servir de decoração intencionalmente ou apenas consequência da produção. Alguns autores consideram o corrugado uma ferramenta para melhorar os resultados em relação ao preparo da comida, uma vez que

[...] a parede enrugada, em contato com o fogo aberto, expõe à ação das chamas uma superfície maior que uma parede lisa, porque cada uma das rugosidades capta mais um pouco de calor para aquecer o conteúdo do recipiente. (SCHMITZ, 2010: 10)

Já o espatulado imbricado pode ter sido feito pelos mesmos motivos do corrugado, buscando a melhoria no preparo dos alimentos e também como um processo intencional de decoração, uma vez que não se obtêm essa decoração apenas com a junção dos roletes, sendo necessárias mais intervenções na superfície da vasilha.

Independente do acabamento externo, a superfície interna sempre se apresentou lisa, de forma mais ou menos regular e recebendo ou não algum tipo de pintura. A decoração plástica da parte interna apenas tornaria mais difícil a limpeza da vasilha e não traria nenhum benefício aparente.

## 5. Conclusões

Esse estudo propôs a análise de uma amostra da coleção cerâmica de Itapiranga, buscando identificar a existência (ou não) de um padrão no modo construtivo das vasilhas. As características de determinadas cerâmicas são iguais ou muito parecidas umas com as outras. São essas características que identificam e classificam os grupos culturais dentro de determinadas tradições. Na coleção de Itapiranga esse aspecto foi claramente percebido.

Mesmo dividindo os mesmos aspectos culturais, os grupos ceramistas ainda podem ter sua cultura material classificada a partir de uma divisão ainda mais criteriosa. As chamadas ‘fases cerâmicas’ caracterizam aspectos de conjuntos de grupos que dividem alguma semelhança entre eles, mas que se difere de alguma forma do restante do grupo maior.

Em um trabalho realizado também com a cerâmica de Itapiranga, Oliveira (2008) identificou a existência de motivos decorativos gerais da pintura Guarani, existindo apenas pequenas variações na construção dos motivos. Isso, segundo a autora, pode representar parcialidades étnicas entre os grupos da mesma tradição cultural afastados regionalmente.

Então, seria errado pensar que o mesmo também aconteceria com o modo de fazer cerâmica desses grupos? A divisão por ‘fases’ seria o limite máximo de caracterização ou as possíveis parcialidades de cada grupo também deveriam ser consideradas? Adaptação ao meio, estrutura social, economia, etc. refletem de alguma forma na cultura material desses povos?

Brochado (1977) em seu trabalho *‘Alimentação na floresta tropical’*, demonstra que a construção dos utensílios cerâmicos dos grupos que ocupam a floresta tropical está diretamente condicionada à economia dos mesmos. Esses grupos, mesmo ocupando um meio ambiente similar uns aos outros, possuem economias direcionadas a suprirem suas necessidades e preferências alimentares. Assim, além dos alimentos básicos da cultura, cultivariam também produtos particulares ao grupo.

Relacionando os trabalhos feitos pelos dois autores - apesar de possuírem abordagens distintas, os dados obtidos na análise e os resultados de outros trabalhos sobre cerâmica Guarani como o Projeto Candelária (Schmitz e outros, 1990), no Médio rio Jacuí e rio Pardo (Rogge, 1995; Schmitz, Rogge, Arnt, 2000), na região de Santa Cruz do Sul (Klamt, 2004), no Vale do Taquari (Schneider, 2008; Fiegenbaum, 2009) e no sítio Lagoa dos Índios (Schmitz e Sandrin, 2009), é possível pensar a construção das vasilhas de modo geral como padronizadas, porém não de forma rígida. Possuindo um estilo básico para a produção, que reforça a ideia de continuidade na cultura material, mas sempre ocorrendo adaptações feitas pelos grupos a partir de suas especificidades.

## Referências Bibliográficas

BROCHADO, J. P. **Alimentação na floresta tropical**. Porto Alegre: UFRGS, IFCH, caderno nº 2, 1977.

CARBONERA, M.; SCHMITZ, P. I. (Coord.) **Antes do oeste catarinense: arqueologia dos povos indígenas**. Chapecó: Ed. Argos, 2011.

CEREZER, J. F. **Cerâmica Guarani: manual de experimentação arqueológica**. Erechim: Ed. Habilis, 2011.

CHMYZ, I. (Ed.). **Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Manuais de Arqueologia, nº 1, 1966.

\_\_\_\_\_. **Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica**. Paranaguá: Universidade Federal do Paraná, Museu de Arqueologia e Artes Populares. Cadernos de Arqueologia, Ano 1, nº 1, 2ª ed., 1976. p. 119-148.

COSTA, S. S. da. **Arqueologia no alto Uruguai: a Foz do Chapecó**. 2012. 173 f. Dissertação (Mestrado em História) PPGH -- Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2012.

FARIAS, D. S. E.; KNEIP, Andréas. **Panorama Arqueológico de Santa Catarina**. Palhoça: Ed. Unisul, 2010.

FIGENBAUM, J. **Um assentamento Tupiguarani no Vale do Taquari/RS**. 2009. 219 f. Dissertação (Mestrado em História) PPGH -- Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2009.

KLAMT, S. C. **Uma contribuição para o sistema de assentamento de um grupo horticultor da tradição cerâmica Tupiguarani**. 2004. 267 f. Tese (Doutorado em História) PPGH – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, RS, 2004.

LA SALVIA, F.; BROCHADO, J. P. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989. 2ª edição.

MEGGERS, B.; EVANS, C. **Como interpretar a linguagem da cerâmica**. Washington, D. C.: Smithsonian Institution, 1970.

NOELLI, F. S. **Sem Tekohá não há Tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia guarani aplicado a uma área de domínio no delta do Jacui-RS**. 1993. 381 f. Dissertação (Mestrado em História) PPGH – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, RS, 1993. 2 v.

\_\_\_\_\_. **A ocupação humana na região sul do Brasil:** arqueologia, debates e perspectivas (1872-2000). Revista USP Antes de Cabral: arqueologia brasileira II. n° 44, p. 218-269. São Paulo: Gráfica CCS, 1999-2000.

OLIVEIRA, K. **Estudando a cerâmica pintada da tradição Tupiguarani: a coleção Itapiranga, Santa Catarina.** 2008. 133 f. Dissertação (Mestrado em História) PPGH – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, RS, 2008.

\_\_\_\_\_. **A cerâmica pintada da tradição Tupiguarani:** estudando a coleção Itapiranga, SC. In: Documentos 11. Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2009. p. 5-88.

\_\_\_\_\_. Um caso de “regionalismos culturais” por meio do estudo da cerâmica pintada Tupiguarani de Itapiranga (SC). In: CARBONERA, M.; SCHMITZ, P. I. (Coord.) **Antes do oeste catarinense:** arqueologia dos povos indígenas. Chapecó: Ed. Argos, 2011. p. 219-240.

PROUS, A. A pintura na cerâmica Tupiguarani. In: PROUS, A.; LIMA, T. A. **Os ceramistas Tupiguarani:** Volume II – elementos decorativos. Belo Horizonte, Superintendência do IPHAN em Minas Gerais, 2010. p. 113-216.

ROHR, J. A. **Pesquisas arqueológicas em Santa Catarina.** Pesquisas 15, São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1966.

\_\_\_\_\_. **Sítios arqueológicos de Santa Catarina.** Anais do Museu de Antropologia. Florianópolis: UFSC/ Museu de Antropologia, n. 17, dez., 1984. p. 77-168.

SCHMITZ, P. I. **Um paradeiro Guarani no Alto Uruguai.** In: Pesquisas. Porto Alegre: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1957. p. 122-142. (série Antropologia, n° 1).

\_\_\_\_\_. (Coord.) **Pré-história do Rio Grande do Sul.** Documentos 5. Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2006.

SCHNEIDER, Patrícia. **Cozer, guardar e servir:** a cultura material do cotidiano no sítio pré-colonial RS T 101 – Marques de Souza/RS. 2008. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) -- Curso de História, Centro Universitário Univates, Lajeado, RS, 2008.